

O papel docente na sustentabilidade pedagógica

Lara Corrêa Ely¹

Ao pensar sobre a questão anunciada no título desse ensaio, inúmeras interrogações emergem e se abrem como possibilidades para indagações, que se apresentam mais em forma de experiências a serem compartilhadas do que como uma tentativa direta de conceituar ou responder formalmente a pergunta intrínseca no título. Por isso mesmo se pode pensar que desejo, na condição de professora, ser uma organizadora de conhecimentos, como uma pessoa que reúne outras pessoas para falarem sobre suas realidades, desde um ponto de vista prático e reflexivo.

O papel do professor, penso eu, deve ser acompanhar os alunos na caminhada rumo à construção do conhecimento e estimular que eles façam reflexões sobre as contradições do universo da ciência e do mundo do trabalho. Como professora, minha intenção é atuar como mediadora entre o conhecimento acadêmico científico (estrutura formal do pensamento científico), mercadológico (mundo do trabalho) e popular (inserção social), sem ignorar os conhecimentos prévios, a sabedoria, as expectativas, as ansiedades e as emoções dos alunos.

Pode-se pensar que uma forma possível de realizar esse estilo de prática docente é transformar o espaço de sala de aula em um local de partida para a busca de novos conhecimentos, não apenas em um local de transmissão vertical de saberes, fato que tornaria a sala de aula um espaço demasiado redutor.

Penso que as discussões dentro de sala de aula devem versar não apenas sobre o conteúdo programático da disciplina, mas, guiada por uma firme intencionalidade pedagógica, devem integrar saberes próprios dos alunos àquilo que o mercado demanda, que a sociedade disponibiliza e necessita.

¹ Mestranda em Comunicação Social do PPGCOM FAMECOS - PUCRS

Mesmo entendendo que ensinar é um ato político, não gostaria de ser uma professora que traz aos alunos a opinião pronta, mas sim estimular que eles formem suas próprias opiniões a partir de leituras, socialização de entendimentos e experiências novas.

Como apontou Albert Einstein, se buscamos resultados diferentes, precisamos inovar também nos caminhos que percorremos. A partir da prática e do envolvimento cognitivo em determinadas atividades, o conhecimento se consolida em aprendizado. Mais do que saber fórmulas ou teorias, é preciso que os alunos tenham embasamento teórico-prático para tomar decisões na vida real, quando os problemas e desafios do mundo profissional se impuserem.

Encontrar o espaço da emoção dentro de sala de aula e trabalhar conceitos em diferentes dimensões é outro desafio que não será apenas meu, mas de muitos professores dessa e de outras gerações. Independentemente do tema, penso que é preciso fazer com que o aluno observe de uma dimensão global para o que estuda, e também tenha um olhar específico sobre o objeto de estudo, porém, me parece importante que estas percepções possam ser complementadas por olhares diversos e adversos, que inserem o mesmo objeto de estudos em contextos social, econômico, ambiental, cultural.

Dessa forma, busco um trabalho pedagógico assentado na ótica de uma sustentabilidade pedagógica, em que o espaço do aprendizado deve ser garantido a partir do diálogo, do engajamento nas áreas de interesse, do senso crítico e do espírito de cooperação, mais do que de competição. Decorrente deste tipo de atuação docente, a avaliação se dará a partir do desenvolvimento e acompanhamento de todas essas competências.

O biólogo chileno Humberto Marturana, em seu livro *Emoções e linguagem na educação e na política* (2002, p. 13), argumenta que “a diferença que existe entre preparar-se para devolver ao país o que se recebeu dele, trabalhando para acabar com a pobreza, e preparar-se para competir no mercado de trabalho é enorme”.

Ao trabalhar desde uma perspectiva interdisciplinar, meu objetivo é fazer com que os alunos considerem que sua atuação pessoal e profissional ocorre em um mundo rico em desigualdades, e que, para enfrentá-las, é preciso que sejam ousados, criativos e empreendedores.

Desabam aqui as fronteiras entre os saberes e as disciplinas, como diz Maturana (2002). Interações baseadas na obediência, na exclusão, na negação, no preconceito não podem ser ditas sociais, segundo o autor, pois negam a nossa condição biológica básica de seres dependentes do amor, isto é, negam o outro.

E como diz a professora da PUCRS e doutora em educação Maria Inês Côrte Vitória, a relação docente é, sobretudo, uma relação de amor. Ao estar à frente de um grupo, o professor assume um papel de motivador, encorajador. Mas também tem o papel de compartilhar responsabilidades, lembrar sobre os limites e estimular a busca por bons resultados. Portando, mais do que um líder na formação da aprendizagem, imagino o papel do professor como um organizador de disciplina, a exemplo do que ocorre na Inglaterra. Neste contexto, mais especificamente em uma cidade localizada a duas horas de Londres, chamada Norwich, as Faculdades têm professores que organizam as disciplinas, e convidam outros docentes para fazerem palestras. Lá são mostrados diversos pontos de vista sobre o mesmo tema, com variações de posicionamento e abordagens teóricas.

A partir da análise de inúmeros relatos sobre este tipo de organização dos processos de ensino e de aprendizagem, pode-se dizer que, diferente do que ocorre no Brasil, não há uma visão paternalista do ensino. Os professores não “entregam” opinião pronta, mas fazem os alunos buscarem artigos científicos por conta própria para conhecerem outras visões sobre o tema para, só então, começarem a construir a própria visão sobre a temática estudada. A partir daí, fica estimulada a formação de uma visão própria, autônoma e original, que foge do clichê e do senso comum.

Além disso, enquanto as crianças brasileiras dividem sua jornada entre três horas na escola e cinco horas, em média, na frente da televisão, no ensino inglês é exigida uma carga semanal de leitura de 17 horas. Em tempo: não entendo que o

ensino estrangeiro referenciado seja o ideal, mas que um meio termo entre o ensino brasileiro e o inglês seria um grande avanço na educação.

A partir de uma perspectiva que chamo de sustentabilidade pedagógica, gostaria de poder, dentro da área da comunicação, colaborar em uma disciplina que trate sobre a sustentabilidade na comunicação, que, para mim, representa nada mais, nada menos do que sustentabilidade na vida. Identifico-me com o tema porque vejo muitas pessoas buscando a felicidade através do trabalho, mas acabando frustradas, ansiosas, desligadas de si mesmos nesse processo de busca. Penso que é importante dar mergulhos profundos no trabalho e no conhecimento, mas sem por isso abandonar suas reflexões, seus gostos, seus momentos de deleite pessoal. São eles que darão sentido ao aprendizado e àquilo que se convencionou chamar de sucesso profissional.

Fazer os alunos entrarem no jogo e se entregarem a essa forma de ensino é realmente um desafio, principalmente para quem nunca pisou em uma sala de aula, como eu. Porém, a estratégia adotada pelo professor Marques Leonam, que leciona jornalismo da Famecos - PUCRS, há mais de vinte anos, me parece uma das melhores para servir de modelo: endurecer, mas sem perder a ternura.

Rígido no método, Leonam é leve no trato com os alunos, e se, por um lado, é exigente, forçando a reflexão crítica sobre temas que muitos ainda desconhecem, por outro, ele é doce, pictórico e enigmático, fazendo com que os alunos mantenham uma atenção entusiasmada e um silêncio curioso, que mais representa respeito do que desinteresse.

Pois é nesse estilo docente que pretendo me inspirar para ser professora. Criar um espaço de trocas onde aprender é eleger, a partir de um banco de experimentações, como mostra o filme *Educação Proibida*. Tal história traz um convite à construção a partir da realidade dos alunos, do que pensam e do que querem aprender, desenvolvendo capacidades humanas. Por isso, entre as práticas pedagógicas que pretendo implantar está a exibição de filmes, as conversas com os alunos em círculos, as aulas expositivas, os trabalhos de pesquisa externa, as aulas

em ambientes ao ar livre, a visita a locais públicos, projetos sociais e comunidades, empresas, a realização de seminários, solicitação de leituras direcionadas/indicadas, as solicitações de novas leituras, a elaboração de projetos conjuntos e interativos, entre outros métodos.

Todos os métodos que for implantar partem do pressuposto de que não é possível aprender a liberdade na teoria se não houver um ambiente livre na escola – livre para propor, para colaborar, para discordar, para errar e acertar.

Referências

MATURANA, H. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.